

* 8 DEZ 1992

Educação e cultura, armas do desenvolvimento

ESTADO DE SÃO PAULO

ANSELMO NAKATANI

É muito comum, no Brasil, associar as multinacionais à imagem de um grupo poderoso, que sorrateiramente vai a um país para explorar, sobretudo



quando se estabelece numa nação em desenvolvimento. Realmente, faz pouco tempo, estas empresas tiravam vantagens dos privilégios e licenças a elas cedidos pelos governos, que os davam como forma de atração.

Com a abertura do mercado nacional, entretanto, tempos melhores virão. A preocupação da indústria brasileira em competir com qualidade e confiabilidade traz consigo o investimento em tecnologia de processo produtivo, caminho este já trilhado por países, como o Japão.

O desenvolvimento, porém, anda de mãos dadas com a educação e a cultura. Por vezes, burocratas e políticos se

esquecem disso, pensam que só os recursos naturais, minerais e muito dinheiro podem solucionar todos os problemas. É preciso dizer, em alto e bom som, que falta a estes senhores o discernimento necessário, ou até mesmo conscientização de que a educação e a cultura de um povo são realmente tudo, e que o sucesso de uma economia interligada e globalizada depende da participação e da qualificação do povo. Sem passar por uma revolução cultural, dificilmente o Brasil resolverá seus grandes problemas.

Boa parte da minoria esclerada, no topo da pirâmide, vem se descuidando da educação básica de uma forma irresponsável. Depois fala-se em desenvolvimento. Como adquiri-lo sem a presença mínima de um aprendizado baseado no respeito ao próximo, à criança, ao idoso? De que valem grandes construções como os Ciacs sem material humano?

As aparências mostram que ensinar a levar vantagem em tudo é muito mais lógico do que preocupar-se com os valores essenciais de uma sociedade civilizada. A economia e

as outras ramificações sociais dependem, sem dúvida, dessas preocupações que a olhos nus parecem de cunho puramente social. O País manteve-se de portas e olhos fechados para essa imagem por longos anos e o que aconteceu na economia não foi diferente do que nas outras áreas da sociedade.

Apresentou-se hostil com relação ao capital estrangeiro de risco e às multinacionais. Com esse comportamento — no qual não trabalhava com regras seguras e claras — acabou por inibir novos investimentos estrangeiros e dificultou a transferência de tecnologia, pois não remunerou e não tratou corretamente os supridores de tecnologia.

Com indiferença se trata dos reinvestimentos feitos pelas multinacionais no País e isso acaba desestimulando a aplicação dos lucros. Tão monstruosas nos são apresentadas as multinacionais que até mesmo o acesso a recursos do BNDES é vedado a essas empresas.

Esse desinteresse inevitavelmente também é notado nos salários nominais dos

trabalhadores do setor industrial. Os rendimentos pagos no Brasil são os mais baixos do mundo. Enquanto as multinacionais pagam 50% a mais que as companhias formadas a partir de capitais nacionais, ainda assim verificamos que o resultado não se equipara ao de outras nações.

É ilusório acharmos que os investidores estrangeiros irão nos procurar apenas por nossas potencialidades naturais. O Brasil não é mais uma donzela cobçada e só depende de nós a mudança dessa situação. O mais importante, assim, é manter estável e à vista de todos a noção de que nada se faz sem aplicação de recursos na cultura, na educação. Da mesma forma, não se pode deixar de lado o fato de estarmos numa aldeia global, onde são sempre bem-vindas as velhas e boas regras do jogo econômico e isso, senhores, nem de longe significa a volta de privilégio.

■ Anselmo Nakatani é presidente da Furukawa Industrial S.A. Produtos Elétricos e diretor do grupo Empresas Brasileiras de Capital Estrangeiro (EBCE), vinculado à Fiesp.